

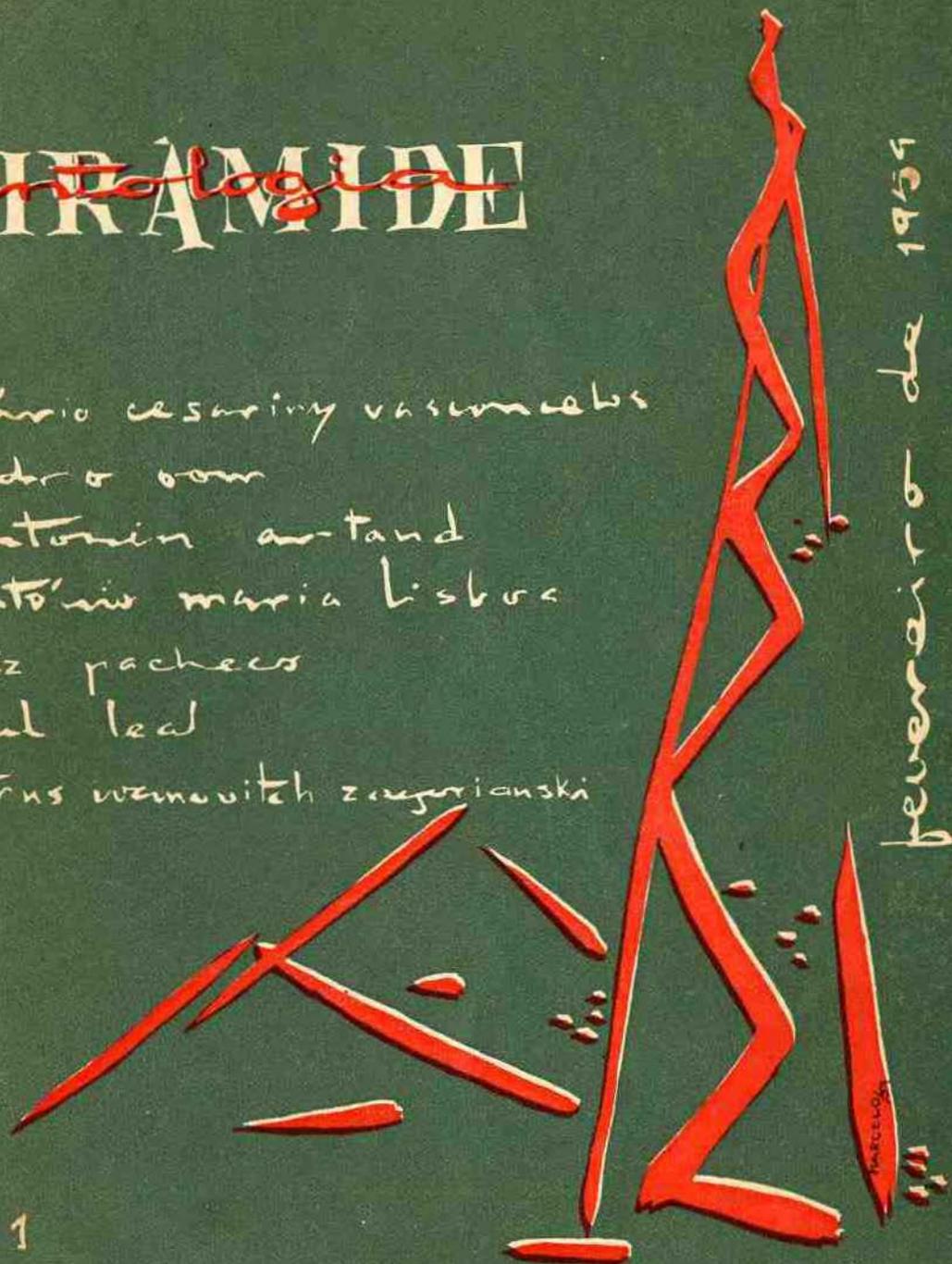
PIRÂMIDE

antologia

mário cesário vasconcelos
pedro oom
antonin antaud
antônio maria lisboa
luiz pacheco
raul leal
petrus wernauitch zagerianski

fevereiro de 1954

nº 1



MARCELO

PIRÂMIDE Nº 1

antologia

FEVEREIRO * M I L 9 5 9

notícia

Os textos apresentados, são em maioria rigorosamente inéditos, sendo igualmente inédita a tradução de Antonin Artaud, que é pela primeira vez apresentado em língua portuguesa.

Petrus Ivanovitch Zagoriansky (heterónimo de Mário de Sá Carneiro¹⁾), tem um lugar definido ao lado de Raúl Leal, outra figura gloriosa do *Movimento Orpheu*.

O manifesto de António Maria Lisboa, imperioso, agreste, justo, natural, surge agora para um maior convívio com o poeta.

Trata-se de um documento da maior gravidade, duma inacessível figura de herói, hoje colocado na primeira fila da poesia europeia. António Maria Lisboa morreu em 1953, e começa agora a viver.

A maior ou menor visão de conjunto, a tirar deste primeiro número, é uma exigência cumprida em relação ao público. O mesmo critério será adoptado em números subsequentes, aos quais se juntará a indispensável colaboração dos mais jovens valores da nossa lírica.

PIRÂMIDE

(1) O fragmento que publicamos foi pela primeira vez apresentado em 1914 in *Reaussença* n.º 3

sumário

Mensagem e Ilusão do Acontecimento Surrealista — *Mário Carneiro Vasconcelos*;

Um Ontem Cão — *Pedro Duarte*;

O Teatro e a Ciência — *Antonin Artaud* (Tradução de *Ernesto de Sousa*);

Psaume — *Raúl Leal* (*Ilustração*);

Aviso a Tempo por Tempo do Tempo — *António Maria Lisboa*;

Surrealismo e Sátira — *Luís Pacheco*;

Além — *Petrus Ivanovitch Zagoriansky*.

cadernos de publicação não periódica

organizados por

carlos loures e máximo lisboa

capa e direcção gráfica de
marcelo de souza

MENSAGEM E ILUSÃO

DO ACONTECIMENTO SURREALISTA

Pode-se ser surrealista sem se ter lido Breton. Pode-se ler Breton e não se ser surrealista. Pode-se ser surrealista e não se ser, realmente, mais nada. Pode-se não ser surrealista e prestar-se com isso excelente serviço a todos e ao surrealismo em especial. Isto diz-se porém das tarefas do conhecimento, que não das do saber, e eu não sei se anda clara, nas consciências *actuates*, a diversidade que assiste a estas duas operações do espírito. Para mim, pelo menos, permanece evidente que as tarefas do conhecimento — poético, na ocorrência — são únicas, pessoais e intransmissíveis, enquanto que as do saber, deduzidas daquelas, podem já ascender a leis e valorações que são filosofia, interpretação crítica, quer tramada de dentro, da parte de quem está, quer focada de fora — os que vêm ver estar — e aqui é que é impossível ser-se (ou criticar-se) determinada coisa sem se saber o que essa coisa é.

Estou a pensar na crítica que não temos e na crítica de consolação que temos. Mas este curioso à-vontade na demissão que frente a algumas obras surrealistas (poucas) a nossa crítica apresenta, não virá exclusivamente do carácter literário que ainda é o seu melhor. Ela é produto maior de certa dormencia de que não serão formalmente responsáveis os manes da nossa última cultura nossa, mas na qual intervieram à grande, passando admiravelmente por baixo de uma poética que em toda a Europa detinha a vanguarda e fornecera um móbil de libertação do espírito até então desconhecido a Ocidente. De facto, nem a chamada «Presença», na voz teorizante de Gaspar Simões, agora e na hora entregue às excelências de um lirismo de obrigação, nem a gente dos Cadernos de Poesia, último frondoso galho do liberalismo presenciista, nem a escola dita neo-realista puderam ver mais do que gaudío retardado (ora no retardado é que estava o gaudío) quando alguns estraga-pássaros, a braços com a chatesa do neo-realismo 1946, Lisboa, (já haviam pasmado muito da choradeira Fernandina, 1926, Cascais), vieram a encontrar-se no acontecimento surrealista 1949, Lisboa.

Não foi muita nem para muito tempo a ocasião e o encontro. Tenho na cabeça uma carta de António Maria Lisboa, que diz: «É às palavras-actos, não às palayras que supõem actos, que me dirijo». Máxima tão

cruel não podia merecer mais valor³ cidadão que o de prenda enviada pelo correio a falar de natal quando o mês era já o dos folguedos — quarta-feira de cinzas na arte e na literatura, cada vez mais arte e mais literatura, pois. Aqui — pelo atalho — se reencontra a Europa, onde a revolução surrealista (mais exactamente: a praxis surrealista fixada por Breton à liberdade) ou vai desaparecer ou tornar-se uma técnica, tão abusiva como qualquer outra, de aproveitamento, pelo saber, do conhecimento que outrém engendrou. Com o que, passa Novalis: «Os poetas são os mais fortes condutores-isoladores da corrente poética».

Não será, porém, em nome de uma regressão, tendente a libertar o poético dos sulcos que o surrealismo lhe imprimiu — mas dizendo poético nunca estou a dizer poético-sentimental, estou a dizer poético-cosmológico, a dois ou a dois milhões de criaturas *vivas* — que essa descida à terra poderá fazer-se. Em torno do surrealismo «nascente», como, hoje, em torno do surrealismo «agonizante» fizeram crónica, lá fora, os do cortejo e apito em direcção a casa, de livro branco e pantufa na mão. Entre nós, tal cortejo tem fim obrigatório na cor dos olhos de Fernando Pessoa a cair morto de bêbedo em casa de cada um. Também porque o surrealismo se inscreve numa zona de conhecimento que mesmo nos pontos globais do seu percurso — ponhamos por exemplo Homero e o «Zaratustra», de Nietzsche — será sempre parcela e nunca soma, pois das muitas coisas com que tem a ver, tem a ver sobretudo com o amor do futuro, é prova de inquirição que cabe a cada homem para continuação de novo homem que vem. Neste acto-entre-actos, que a metodologia do homem de ciência é a primeira, hoje, a conhecer, se haverá de situar o melhor da paixão surrealista, onde todas as coisas *foram* poetas e onde quase que nunca os que *fazem* poemas são ou serão o poema primordial.

Quanto ao valor (actual) da arte e da literatura (surrealistas), já se disse há tempo e não deu resultado: hoje, como há trinta anos, Mona Lisa ostenta o bigodinho que Dádá lhe doou. Aprendeu, no entanto, trinta novas maneiras de apará-lo: Mona Lisa Bigode Realista, Mona Lisa Bigode Surrealista, Mona Lisa Bigode Abstracto, Mona Lisa Bigode Socialista, Mona Lisa Bigode Fascista, Mona Lisa Bigode Existencialista, são as últimas mais elegantes saídas do literato convencido de que vai sair à rua com uma estrela na mão. Visto um pouco do pouco que há para ver nestas etiquetas escolásticas, entende-se: anda tudo a querer entrada grátis no espectáculo mais caro do universo: a transubstanciação da matéria.

Mário Cesariny Vasconcelos

UM ONTEM CÃO

No alto das núvens
todo o ódio inconcebível
toda a mágua molhada
todo o terror liquefeito
sobreveio da espuma
rebentou do nada

como

uma pulga
um elefante
ou
uma
esfin
ge

No alto
eram sobretudo
botões caluniados
de voz doce nas gargantas
secas e olhares de monstros
sobre os abismos
falsos

Tudo

tudo
tudo
veio da cristandade nas
canções da manteiga no
discursar dos queijos na
ditadura das pomadas
mas
sem
alegria
sem
desejo
e sem
ambições
E com os ossos esmurrados
e as costas dobradas e os gestos fechados
à chave à chuva

na chaminé do luar
e nas pulgas dos padres com eléctricos
de recordações e loucuras

Nasceram
do medo
de dizer
merda e
da angústia
de abrir
os sexos
com necessidade
saprófita
de bigodes
e pasmacreira
horripilante
de mitras
no aconchego
espiritual
das lagartas
que sobem
nos candeeiros
da vida
alargando o cós
das calças
beliscando o cú das mulas

até

se abrir no cérebro
uma legião deletéria
e rasgar-se na pele
uma comichão necessária
e levantar-se nas unhas
um medo tsé-tsé

SÃO

altares

erguidos no vento dos ventos
erguidos à chuva
e é chuva erguida ao luar
com murros soprados nos cérebros luzidos
da Escada que fala na Estrela dos cemitérios
por tudo e por nada

com Júlio à cabeça
com António à ilharga
e meninos ao colo

F I Z E R A M

Carabinas
das chaves com olhos
e um trono
dos peitos abstratos
que habitam os gelos das furnas
malsãs

As garrafas entoam plácidamente

NINGUÉM CONHECE

é desconhecido

NÃO PASSOU POR AQUI

ERA UM QUE LEVAVA

UMA TROUXA?

Talvez o último sortilégio das mãos aguadas
do primeiro canto das éguas recém-nascidas
talvez o amoroso ornear das bestas
talvez o sádico hemoptisar dos presuntos
na febre do cio

Eles levantam o zelo nas núvens
o ciúme nas crateras
e caminham
passo a passo
com
a

cautela dos missionários
e a história gigante das freiras
e o roncar habilidoso dos centauros

com Prometeu nos intestinos
e os ventres atafalhados
de rosas, botões e cravos
pregos de estufa e bandeiras
desfraldadas

urros frescos
com pèzinhos grelhados
unhas serrilhadas
Mitos à Gomes de Sá.

Pedro Oom

O TEATRO E A CIÊNCIA

(Trad. de Ernesto Sampaio)

O teatro verdadeiro apareceu-me sempre como o exercício dum acto perigoso e terrível, onde se eliminam tanto a ideia de teatro e de espectáculo como a de toda a ciência, de toda a religião e de toda a arte.

O acto de que falo visa à verdadeira transformação orgânica e física do corpo humano.

Porquê?

Porque o teatro não é essa parada cénica onde se desenvolve virtualmente e simbolicamente um mito

mas o cadinho de fogo e de carne verdadeira onde anatómicamente,

por espezinhamento de ossos, de membros e de sílabas,
se refazem os corpos,

e se apresenta fisicamente e ao natural o acto mítico de fazer um corpo.

Se bem me compreendem, aí verão um acto de génese verdadeira que toda a gente extravagante e humorística considerará no plano da vida real.

Porque hoje ninguém pode crer que um corpo possa mudar senão na morte e pelo tempo.

Ora eu repito que a morte é um estado inventado

que vive apenas para que todos os reles feiticeiros, os gurus do nada a quem aproveita, dele há alguns séculos se alimentem

e dele vivam em estado de Bardo.

Fora disso o corpo humano é imortal.

É uma velha história que é preciso aclarar atascando-nos até ao pescoço.

O corpo humano não morre senão porque se têm esquecido de o transformar e de o mudar.

Fora disso não morre, não se desfaz em poeira, não passa pelo túmulo.

É pela ignóbil facilidade do nada que a religião, a sociedade e a ciência têm obtido da consciência humana o consentimento de abandonar o seu corpo,

e lhe têm feito crer que o corpo humano é perecível e destinado ao cabo de pouco tempo a ir-se embora.

Não, o corpo humano é imperecível e imortal e mutável,
mutável fisicamente e materialmente,
anatômicamente e manifestamente,
mutável visivelmente e aqui mesmo bastando que
queiram dar-se a pena material de o fazer mudar.

Outrora existia uma operação de ordem menos mágica que científica
e que o teatro se tem limitado a imitar, pela qual o corpo humano,
logo que reconhecido mau passava,
transportado,
fisicamente e
materialmente,
objectivamente e como que molècularmente de corpo para
corpo,
dum estado passado e perdido de corpo
a um estado reforçado e
exaltado do corpo.

E para isso bastava-lhe dirigir-se a todas as forças dramáticas,
recalcadas e perdidas no corpo humano.

Tratava-se duma revolução e não há ninguém que não apele
para uma revolução necessária,

mas não sei se muitos terão pensado que uma tal revolução
não será verdadeira enquanto não for fisicamente e materialmente
completa,

enquanto não se voltar para o homem,
para o próprio corpo do homem
e não se decidir enfim a pedir-lhe
que *mude*.

Ora o corpo tornou-se sujo e mau porque vivemos num mundo
sujo e mau que não quer que o corpo humano seja mudado,
e que soube dispor

em todas as partes,
nos pontos necessários,
o seu occulto e tenebroso bando de for-
çados a impedir que o mudem.

É assim que este mundo não é mau sòmente de fachada, mas
é-o porque subterrâneamente e occultamente cultiva e mantém o mal que
lhe deu o ser e nós fez a todos nascer do mau espírito e a meio do mau
espírito.

Não unicamente por que os costumes estejam putrefactos, mas
porque a atmosfera em que vivemos está materialmente e fisicamente
putrefacta, devido a vermes reais, a aparências obscenas, a espíritos de
vermina, a organismos infectos que se podem ver a olho nu bastando
que, como eu, se tenha longa, áspera e sistemáticamente sofrido.

É que de há séculos até agora foi abandonada uma certa operação de transmutação fisiológica
e de verdadeira metamorfose orgânica do corpo humano,
a qual pela sua atrocidade,
sua ferocidade material
e sua amplidão
lança na sombra duma morna noite psíquica
todos os dramas psicológicos,
lógicos ou dialéticos do coração humano.

Quero dizer que o corpo detém sopros
e que o sopro detém corpos
de cuja palpitante pressão,
a espantosa compressão atmosférica tornou
vãos, quando aparecem,
todos os estados passionais ou psíquicos que a
consciência pode evocar.

Há um grau de tensão, de esmagamento, de opaca espessura,
de recalçamento ultra-comprimido dum corpo,
que ultrapassa de longe
toda a filosofia, toda a dialética, toda a música, todo o físico,
toda a poesia,
toda a magia.

Não será hoje que vos mostrarei o que, para começar a transparecer, pede muitas horas de exercícios progressivos,
seria preciso, aliás, espaço e ar,
sobretudo seria necessária uma aparelhagem de que não disponho.

Mas ouvireis certamente nos textos que vão ser ditos vindos daqueles que os dizem
gritos
e élan duma sinceridade que está na via dessa revolução fisiológica sem a qual nada pode ser mudado.

Antonin Artaud

PSAUME

Oh, Dieu de Puissance,
Animateur essentiel
De Mon être profond,
Substance Pure
De l'Âme Exaltée
Pour lui transmettre
En Délire
Ta Grandeur Sublimée
Arrache enfin
De toute Ma vie,
Péduée dans la Détresse,
La marque infamante
De la vilénie
Afin que Je puisse vivre
Seulement pour Toi
En extases vibrantes
De pur Au-Delà...
Je suis forcé
Par l'existence que Je traîne,
Et pour ce qu'il y a de déchu
Dans Mon âme perdue,
A M'envelopper de ténèbres,
De nuages épais
— Émanation fétide
D'un marais immense —
Qui couvrent affreusement
La Sublime Vision
De la Splendeur Sinistre
De la Mort-Dieu,
Enfoncée pour jamais
Dans les profondeurs extrêmes
De l'Être meurtri
De l'Être lumineux
Je voulais vivre
Seulement pour Toi,
Oh, Esprit Divin,
Mon Essence mystique,
Inonder toute Ma vie
De Ton brutal fracas
À travers le tumulte sacré
De Ma Vision Extatique,
Par Moi éternisée
Dans l'existence que Je traîne,
Maudite et sublime,
De Prophète-Roi...
Mais, hélas,
Les nuages de matière
Ne Me laissent jamais,
La vie M'oblige
À une action infamante,
Éloignée de l'Esprit,
Éloignée de Dieu,

Pour meurtrir
Mon âme presque Divine
Mais dont les impuretés
M'arrachent le pouvoir magique
De vaincre les difficultés
De la terrestre existence
Seulement
Par la force indomptable
De l'Esprit Divin
Que nous portons en nous
Mais affaibli
Par les vils éléments
De notre nature pourrie,
Tout imprégnée
De boue...
C'est à cause
De ces impuretés infâmes
Que Je ne peux pas vivre
Seulement l'au-Delà
Et que Je suis obligé
À être enfin
De la vie entière
Un vilain forçat...
Et de la matérialité ignoble
De Mon existence terrestre,
Polluée par le travail
Pour la recherche de l'or,
Par toute une action affreuse
Eloignée de Dieu,
S'imprégne aussi
Tout Mon esprit
Qui de cette forme
Oublie presque
Le Royaume sacré
De la Divine Mort...
Des préoccupations impures,
Mesquines,
Viles,
Engendrées dans une vie de Terre
Que la chair
Me force à vivre,
Cherchent obscurcir enfin
Toute la hauteur
De Mon Esprit,
Affaiblissant Mes extases
Pour éloigner profondément
Pour troubler la Vision Sublime
De Dieu
Et de l'Infini...

C'est Satan
Qui, de l'au-Delà,
M'arrache
La Grandeur Suprême
De Mon être déchu,
De Mon être vilain...!

Raul Leal (Henoch)

Octobre — 1928

Do livro «Martyr» de l'Occulte», terceiro
da série «Le Dernier Testament»

AVISO A TEMPO POR CAUSA DO TEMPO

Declara-se para que se saiba:

1.º que não apoiamos qualquer partido, grupo, directriz política ou ideologia e que na sua frente apenas nos resta tomar conhecimento: algumas vezes *achar bom* outras *achar mau*. Quanto à nossa própria doutrina, os outros hão-de falar.

2.º que não simpatizando com qualquer organização policial ou militar achamo-las, no entanto, fruto e elemento exacto e necessário da sociedade — com quem não simpatizamos igualmente.

3.º que sendo nós indivíduos livres de compromissos políticos permaneceremos em qualquer local com o mesmo à-vontade. Seremos nós os melhores cofres-fortes dos segredos do Estado: ignoramo-los.

4.º que sendo individualidades e portanto *abjeccionalmente* desligados das normas convencionais, temos o máximo regosijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade. Assim delas daremos por vezes testemunho e mesmo ensino.

5.º que não somos assim contra a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico) mas que na e pela Liberdade, Amor e Conhecimento que lhes preside preferimos estes.

6.º que a crítica é a forma da nossa permanência.

Acreditamos que nestes seis pontos fundamentais vão os elementos necessários para que o Estado, os Governos, a Polícia e a Sociedade nos respeitem; nós há muito que nos limitamos neles e neles temos conhecido a maior liberdade. Não se têm do mesmo modo limitado o Estado, a Polícia e a Sociedade e muito menos o seu último reduto: a família. A eles permaneceremos fiéis, pois todo o nosso próprio destino e não só parte dele a estes seis pontos andam ligados como homens, como artistas, como poetas e por paradoxo como membros desta sociedade.

Julho de 1953.

António Maria Lisboa

SURREALISMO E SÁTIRA

(DE ANDRÉ TOLENTINO A NICOLAU BRETON)

Invocar o nome de Tolentino a propósito da obra dum poeta surrealista, mesmo português, é ousadia que só o método comparativo-literário do sr. dr. João Gaspar Simões poderia propor.

E não apenas pelo facto de procurar avoengos oitocentistas para um movimento bem localizado e bem característico deste século o crítico se arrisca a perder o pé na poeira dos tempos e, trambolhando de época para época como *O Vagabundo dos Sonhos*, cair nalgum saboroso exemplar das cantigas de escarnho ou maldizer, também elas (e por que não?!) surrealistas... Mas, principalmente, porque em muito pequena parte esse argumento de autoridade, chamemos-lhe assim, o favorece na sua missão de julgar a obra e de esclarecer o público.

Procurando demonstrar a sua compreensão (num esforço que se reconhece notório) duma *coisa nova*, não podem valer ao crítico as comparações forjadas, as aproximações marginais de acontecimentos tão remotamente afastados, no tempo como no significado, tais as sátiras de Nicolau Tolentino e certos aspectos e personalidades da nossa poesia contemporânea, que se diz surrealista, que parece surrealista ou que o é, de facto, por um fenómeno de simpatia e de identidade de situações de revolta, que hoje são aqui tão naturais como o eram em França há trinta anos.

Se o crítico estremece perante a *novidade*, que presente válida, mas cuja total significação humanamente se lhe escapa, (a ele, que teve outra formação), o que deverá fazer, digamo-lo sem pretensões doutorais, é abandonar-se ao seu instinto, ignorar os resíduos do passado, apurar o faro e predispor-se a ouvir essa voz estranha que pela primeira vez se lhe depara, livre de prejuizos e de conclusões apressadas. Levá-la diante do espelho acomodaticio do passado, é prova de boa vontade, que se agradece, mas a que será de preferir a incompreensão cerrada, a repulsa violenta que marquem limites, definam posições e esclareçam os verdadeiros valores com que cada um joga e, no fundo, estima como seus. Tem João Gaspar Simões tentado captar o *mistério da poesia surrealista*. Dizê-lo mal informado das fontes estrangeiras dessa corrente é uma afirmação gratuita, ainda que gostássemos que ele dissertasse com mais vagar das figuras máximas do movimento (um Breton, um Eluard, um Desnos, um Césaire) e não perdesse tempo com epígonos nacionais duma menoridade evidente. Mas apesar de todas as suas lacunas, como não louvar os dons de simpatia e de liberdade de espírito, que o impelem para zonas

tão ardentes e perigosas para um presencista ferrenho, isto é, convicto, coerente e militante? Aqui o temos de saudar como caso notável e até ao presente único. E, falando já outra linguagem, havemos de enquadrar esta sua atitude *sui-generis* num plano diferente e que está certo como veremos.

Não são para agora os motivos porque *não fica mal* a um surrealista ser apodado de satírico.

André Breton agitaria a sua bela cabeleira a tal definição (ele tem outras), mas isso é o que menos importa. Estamos em Lisboa, senhores, esta Lisboa que Breton talvez localize nas Baleares, talvez no Brasil... Não tem aqui o lugar o «distinguo».

Com todas as reservas que se lhe devam objectar (deixaremos isso a certo investigador polemicante, de mentalidade seminarista), pode-se falar de sátira em surrealismo. E de Tolentino, também, caso não haja à mão melhor exemplo. E de Junqueiro. E de Gomes Leal. E de José Gomes Ferreira. E de muitos outros, que não cultivando a flauta trururu do bucolismo e do pirismo sentimental, elementos mistificadores com que não queremos ser mais vezes enganados, reagem furiosamente (como poetas, claro está), contra os compromissos do tempo, todos os compromissos. Satíricos, os surrealistas? Talvez, *mas depois*.

O leitor é que não se interessa com isso; para ele, que tantas vezes tem sido enganado, uma palavra séria (isto é: *verdadeira*) mesmo dita a rir, é quanto basta. A contra-prova da autenticidade de tal poesia tira-a ele, facilmente na experiência da sua vida quotidiana, no pequeno senso-comum das coisas reais que não conhecem a literatura e excedem a imaginação dos poetas, mesmo dos surrealistas...

Como já o notou um crítico de Mário Cesariny de Vasconcelos, é afinal um surrealista que, passando por Álvaro de Campos, nos faz recordar Cesário Verde. Cesário, o das lições de realismo — do torpe negro e feio realismo que não se compadece com as flores da retórica nem com a hervanária colorida dos poetas de arrabalde.

Dirão que o leitor português teve (e tem ainda) em matéria de género romanesco bons pedaços de literatura social, a que não falta o tom pedagógico e influenciável da arte dirigida. Ainda mal. Pois não causará estranheza (em certos meios, pelo menos) ver os leitores desses romances *neos*, tristes e tão desiludidos, voltaram-se para a linguagem aparentemente mais difícil da Poesia...

...da poesia do humor negro, da poesia deserta de bons sentimentos, da poesia catástrofe, daquela enfim, que por conter em si todas as perversões e todas as dores do mundo de hoje as denuncia e as incrimina ao severo juízo do mundo de amanhã?

Luiz Pacheco

ALÉM

(fragmento)

a M.lle Marfa Ivanovna Zagoriansky,
*irmã do poeta — esta interpretação
portuguesa é comovidamente dedicada.*

I

Erravam pelo ar naquela tarde loira eflúvios roxos d'Alma e ânsias de não-ser.

Mãos santas de rainha, loucas d'esmeraldas, davam aroma e rócio à brisa do crepúsculo.

O ar naquela tarde era saudade e além...

.....
E as asas duma quimera, longínquamente batendo, a ungi-lo d'irreal...

.....
Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra...

.....
Um ar que sabia a luz e que rangia a cristal...

.....
E muito ao longe, muito ao longe, as casas brancas...

2

Na grande alcova da vitória, toda nua e toda ruiva, eu tinha-a finalmente estiraçada sobre o leito fantástico da Cor.

Linda aspiral de carne agreste — a mais formosa enchia para mim os olhos de mistério, sabendo que eu amava as ondas de estranheza...

E os seus braços, de nervosos, eram corças...

E os seus lábios, de rubros, eram dor...

.....
No jardim, os girassóis não olhavam para o Sol...

.....
Verguei-me todo sobre ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

.....
Em face daquela glória, que tumultuava tão perto, que me ia sagrar enfim, os meus olhos eram esforço e a minh'alma um disco de ouro!...

.....
A louca acerava as pontas dos seios, para os tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios d'ânsia, sofrim já da saudade dos beijos que lhe iam dar...

.....
Ao longe sempre as casas brancas...

3

...E foi então quando eu já me sentia entrelaçado d'ouro, sagrado d'além-cor, quando era tudo encanto em laivos de infinito — que o instante abateu e me desencantei...

Sobre o seu corpo de equilíbrio — uivos d'horror, uivos d'horror! cabriolante se elançava teoria arrepiadora dos ângulos agudos, zombando estridentemente dos redemoinhos e das curvas...

Gumes brutais, turbilhões silvantes, linhas quebradas destruidoras — tudo sulcavam! tudo sugavam!... A limpidez! A limpidez!...

— Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresca de losangos veio descendo guturalmente a desnudar-lhe a carne nua — de toda a cor, de todo o som, de todo o aroma; encerrando-a, a girar — em volta dela numa vertigem monstruosa de círculos enclavinados, impossíveis!...

Toda a beleza em estilhaços gritava-me que lha salvasse...

E o meu olhar — que saudade! — não lhe podia valer...

.....
As casas brancas não perdoam!

As casas brancas não perdoam!...

4

Triste de mim, sem dor, a oscilar, ainda todo vibrante...

Queria mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me resvalava...

A força de ilusão, volvi-me uma grande mentira: fui príncipe sem rei, iluminando a luz falsa — a luz que não soava, e era oca, deserta e média...

— Para quê? Para quê?

Breve o meu corpo tombava em terra firme, anoitecido em alma — e tudo ruía ao meu redor: asas de insónia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'oiro... Tudo ruía — mas tudo ruía em sortilégio noutras ruínas: o ouro, em seios perdidos; a prata, em glória abandonada...

.....
Só as ruínas das casas brancas eram ruínas de casas brancas!...

Paris — Janeiro de 1913

Mário de Sá-Carneiro

1959

Composto e impresso em
Tip. Leandro, Lda.
Trav. do Noronha, 28 a 30-A
LISBOA

